2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 27. QUINTA FEIRA, 10 DE MAIO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Duas grandes obras na Ilha da Madeira, a Ponte do Ribeiro Secco, e a nova estrada do Funchal para Camera de Lobos.

433 De um escripto publicado pelo Sr. Servulo Drummond de Menezes, Secretario Geral do Governo Civil do Funchal *, passamos a extrahir algumas noticias, para que se forme uma idéa do interesse d'estas obras, uma das quaes está já concluida, e a outra em grande adiantamento.

Os estrangeiros, que por motivo de doença passam o inverno no Funchal, estão privados da commodidade dos passeios planos, que tão uteis são para o exercicio aconselhado a todas as pessoas, e principalmente ás valetudinarias. Desde longo tempo, porém, se reconheceu, que uma estrada, que á beira-mar communicasse a cidade do Funchal com a villa de Camera de Lobos, emendaria o inconveniente da disposição montanhosa do terreno, proporcionando um commodo passeio, proprio até para o transito de carrinhos e carruagens, no que muito lucrariam os doentes. Foi por este motivo que o Sr. Mousinho d'Albuquerque, em 1835, tentou abrir uma estrada com taes indicações, começando pela construcção de uma ponte sobre o Ribeiro Secco, na extrema oeste da cidade.

«Logo ao sahir da cidade, diz o Sr. Menezes, para o lado d'oeste, encontra-se uma grande quebrada, que as torrentes hão formado, e no fundo da «qual passa o Ribeiro Secco. Esta quebrada intentou o Sr. Mousinho d'Albuquerque atravessar por «meio de uma ponte pensil; e para esse fim começou por mandar construir dois gigantescos pilares, «afóra dois fortissimos encontros em cada uma das «bordas da quebrada. Entrava no plano a idéa de «levantar um monumento á memoria do immortal «Duque de Bragança, etc.»

O Sr. Mousinho d'Albuquerque não logrou levar ao cabo o seu projecto, porque em breve foi chamado para o continente. Succedeu-lhe o Barão de Lordello, o qual muito louvaveis diligencias fez por dar andamento á abertura da estrada, encontrando, porém, obstaculos e opposições, que lhe frustraram os bons desejos.

Correram os tempos, até que nos fins do anno de 1846, indo governar a Madeira o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, tratou seriamente de metter hombros á obra, imprimindo-lhe o mais vigoroso impulso. Deu de mão ao projecto da ponte pensil, reconheceu a necessidade de construir uma ponte de pedra, mandou traçar a planta da obra, procedeu ao orçamento, promoveu em larga escala uma subscripção entre nacionaes e estrangeiros, e tomou a ousada resolução de pôr em praça a feitura dos trabalhos, ainda antes de ter reunidos todos os fundos necessarios. A obra foi arrematada, e desde logo se lhe deu começo, continuando n'este meio tempo a promover-se a subscripção, que a final chegou a produzir 5:799$000 rs., preço por que a construcção da ponte foi contractada!

No dia 27 de Fevereiro de 1848 foi arrematada a obra; no dia 28 immediato abriu-se a subscripção; no dia 6 de Março seguinte começaram os trabalhos da ponte, e poucos dias depois se deu principio á abertura da estrada; e finalmente no dia 27 de Maio seguinte tinha o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro em cofre, producto da subscripção, a indicada quantia dos 5:799$000 rs.!

Comparando attentamente estas datas, não podemos deixar de admirar um extremo de actividade, de resolução corajosa, de energia de vontade, de dedicação aos interesses do povo.

Lendo, como lêmos, detidamente, o escripto do Sr. Menezes, e a lista dos subscriptores, notámos que são tambem dignos de louvor o negociante Antonio Joaquim Marques Basto, pela generosidade com que se houve em tudo; — o Thesoureiro ad hoc, Nuno Alexandre de Carvalho; — a Camara Municipal do Funchal pela boa vontade com que offereceu para a obra uma pouca de madeira no valor de 266$500, e afóra isso, a parte dos lucros que lhe competiam

* Veja o interessante opusculo, que tem por titulo: Collecção de Documentos relativos á construcção da Ponte do Ribeiro Secco, na Ilha da Madeira, arrematada em 27 de Fevereiro de 1848, perante o Excellentissimo Conselheiro José Silvestre Ribeiro, publicada por Servulo Drummond de Menezes, Secretario Geral do Governo Civil do Funchal.

de uma transacção do anno de 1847, na importancia de 1:753$045 rs. — Entre os subscriptores notámos o Augusto Nome de S. M. a Rainha Adelaide da Grã-Bretanha com a quantia de 480$000 rs.; segue-se o nome do Sr. Duque de Palmella com 100$ — avultando depois entre os generosos subscriptores o referido negociante Antonio Joaquim Marques Basto com a quantia de 500$000 rs.

É pois esta interessantissima obra, aquella, cuja conclusão annunciamos hoje aos nossos leitores, devendo acrescentar que a estrada para Camera de Lobos, em continuação da ponte, está já aberta até uma grande distancia, e para essa despeza concorreu novamente S. M. a Rainha Adelaide com cem libras esterlinas.

Por muito tempo se demorou o arriamento do simples do arco maior da ponte, porque o habil e zeloso engenheiro, encarregado da direcção da obra, o Sr. Tiberio Augusto Blanc, desejava que o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro assistisse áquelle acto; como porém este ultimo tivesse tomado assento na Camara dos Senhores Deputados, e por isso não fosse tão cedo esperado na Madeira, fixou-se o dia 12 de Março do corrente anno para uma tal operação. Esse dia foi muito brilhante para os funchalenses. Todas as visinhanças da ponte estavam apinhadas de espectadores; quando se arriou o simples subiram ao ar numerosas girandolas de foguetes, e por uma coincidencia notavel, a náu Vasco da Gama, que n'essa occasião estava em frente d'aquelle sitio, deu uma salva, justamente no momento em que estrondosas acclamações partiam de todo aquelle povo enthusiasmado!

Estes factos são mais um padrão de gloria para a mais brilhante e proficua das carreiras administrativas da nossa terra.

Folgamos em os registar, porque são um premio devido ao Sr. Conselheiro Silvestre Ribeiro, e porque tão grande elogio, nascido das proprias obras, diz respeito não só a um modelo de magistrados administrativos, mas a um assiduo collaborador do nosso jornal e nosso presado amigo,

---

Observações chimicas sobre o leite, extrahido de uma obra de Trommer, professor allemão.

I

434 O LEITE é composto das substancias butyrosa e caseosa (banha e queijo), de assucar, de diversos saes, e de agua.

A composição do leite é a mesma, tanto nos carnivoros como nos herbivoros. O leite não diversifica senão em proporção dos seus principios constituintes.

Eis o motivo por que no leite se podem encontrar outras substancias provenientes dos alimentos. Assim elle póde ser purgativo, e até algumas vezes venenoso.

O caseum ou está no estado liquido e soluvel na agua, ou está coagulado e insoluvel.

Póde-se aquecer o caseum sem que se coagule, e n'isto differe da albumina. Se é submettido á acção prolongada do lume, fórma-se á superficie uma especie de pellicula, que se póde todos os dias observar no leite fervido.

Os acidos produzem a coagulação do caseum.

Assim coagulado o caseum, se apresenta em massa branca, opaca, e quebradiça, que, observada pelo microscopio, deixa ver uma multidão infinita de pelliculas delgadissimas, mui delicadas, e insoluveis na agua.

Tem-se encontrado no leite de vaccas alimentadas com feno e com os residuos da distillação de batatas, 4 por cento de caseum.

A parte gorda do leite é, como todas as partes gordas do organismo animal, um mixto de *stearina*, *margarina*, *oleina*, além de *butyrina*, a qual contribue essencialmente para a distinguir das outras materias gordas animaes e vegetaes.

A proporção de materias gordas, que contém o leite, varia muito, e não depende unicamente do sustento, mas tambem do tempo mais ou menos adiantado da gestação, ou do tempo desde o qual a femea principia a dar leite, até áquelle em que cessa de o dar.

Segundo varias indagações, esta proporção varia de 2 a 4 ½ até 5 por cento.

O leite acabado de ordenhar tem uma temperatura de 15 a 20 gráus de Réaumur.

Á vista simples apresenta-se como um liquido homogeneo; com o microscopio observa-se n'elle uma infinidade de globulos redondos, que são as partes butyrosas.

A nata, que se mostra á superficie do leite, contém um maior numero d'estes globulos, e mais grossos.

Logo que o leite é collocado nas vasilhas da leiteria, as partes butyrosas, como as mais leves, vem á superficie. Entretanto a separação da nata se opera melhor á medida que o leite se azeda, e até ao momento em que o caseum se coagula, o que impede que os globulos possam subir para a superficie; então cessa a separação da nata. D'aqui resulta que o leite coalhado contém sempre alguma manteiga, e contém tanto mais quanto a coagulação se effectuou mais rapidamente.

Encontra-se sempre no leite coalhado até 1 ½ por cento de manteiga.

Quanto mais tempo se podér retardar o leite azedar-se, mais nata se obterá.

Se se não póde impedir que o leite se torne azedo passado certo tempo, póde-se ao menos neutralisar os effeitos do acido, ajuntando ao leite uma substancia, que o absorva á medida que se formar. A melhor substancia que se póde empregar é o carbonato de soda (soda do commercio).

Toma-se 1 por cento de soda, desfaz-se esta porção em duas vezes o seu volume de agua, e mistura-se bem com o leite. Todas as partes butyrosas se separam rapidamente, e tão bem como é possivel. O liquido que existe por baixo da nata conserva por muitos dias a sua fluidez, e contém apenas rarissimos globulos de nata.

Durante o verão, a porção de soda deve ser de 1 ½ por cento. Passados 4 a 5 dias o caseum se coagula. Além de se obter maior porção de nata, tem-se a vantagem, por este methodo, de ser indifferente o

conservar-se o leite em vasilhas de barro, madeira ou metal. Podem-se empregar grandes vasilhas que contenham o leite de uma ordenhação, e tenham no fundo uma torneira, por onde se extraia o liquido que ficar por baixo da nata. Podem-se collocar as vasilhas em qualquer logar, não sendo em partes onde caia gêlo, e não ha a temer os grandes calores. O trabalho da leiteria torna-se muito mais simples e facil.

Para que não communique ao leite máu gosto, a soda deve ser pura: póde conter, o que raras vezes succede, sulphureto de sodium. Para se conhecer se a soda é pura, dissolve-se uma pequena porção em agua, e ajunta-se-lhe tanto vinagre (que seja bom) quanto for necessario para que haja uma effervescencia. Mergulha-se depois n'este mixto uma colher de chá de prata, e ahi se deixa por algum tempo. Se a soda não contém sulphureto, a prata conserva a sua côr e o seu brilhantismo; se, pelo contrario, a soda contiver a menor mistura, a prata torna-se escura e baça.

Antes de se misturar com o leite a soda dissolvida na agua, convem coa-la primeiro por qualquer panno.

A separação completa da nata póde durar 48 a 72 horas. A separação conhece-se que está perfeita quando o liquido, que está por baixo da nata, tiver perdido a sua côr branca. Muitas vezes succede coagular-se o caseum, no tempo dos calores, depois de 36 ou 24 horas.

Se se pertender apressar a coagulação do caseum, mistura-se no leite uma porção de vinagre sufficiente para saturar primeiro a soda que ainda existir, e para coagular o caseum.

Para que a nata, quando se ferver, não tertalhe, ajunte-se por litro 20 a 30 gottas de ammoniaco. O cheiro do ammoniaco esvae-se pela fervura.

Em vez do ammoniaco póde-se usar do carbonato de soda, ou do carbonato de potassa, 8 grammas por um litro de nata.

(Continuar-se-ha.)

Preparação da colla gelatinosa, ou da colla forte.

435 Gelatina 1; agua 5. Misture-se uma com a outra 24 horas antes de se empregar.

Grude 2; agua 5. Prepare-se como a anterior, e com a mesma antecedencia.

A. S.

Machina de calcular, de MM. Maurel e Jayet.

436 Qual é a pessoa, que, milhares de vezes na vida, não se tem enfadado das longas e fastidiosas operações de arithmetica, onde é preciso pôr algarismo sobre algarismo, numero sobre numero, e onde o receio do menor erro obriga a tornar a fazer a operação de novo, e talvez erra-la ainda?! Este inconveniente está remediado. Dois mancebos, machinistas e calculadores, resolveram o problema, applicando a mechanica á arte de calcular.

MM. Maurel e Jayet, habeis na mechanica, durante dez annos empregaram-se na resolução d'esta questão, que tem cançado os maiores sabios, e desanimado os espiritos mais inventivos. Depois de infindas experiencias, de hypotheses e calculos, e depois de haverem sacrificado a esta idéa fortuna, posição e futuro, conseguiram o fim tão suspirado.

Nobre e tocante exemplo do que póde a perseverança. Obtiveram, finalmente, construir uma machina, que faz todas as operações do calculo com uma rapidez prodigiosa, e, coisa notavel! com uma exactidão, que, a par d'esta, ficam a perder de vista os mais habeis calculadores.

Não podêmos desde já descrever esta machina em todas as suas partes, mas vamos procurar dar d'ella uma ligeira idéa, colhida de um jornal francez.

Figure-se uma caixa pequenissima e mui portatil. Em uma das faces d'esta caixa estão adaptados tres quadrantes munidos de um ponteiro, que se póde, mediante um botão, fazer andar á roda dos nove algarismos marcados no quadrante. Represente-se ainda no cimo d'esta caixa uma serie de pequenas laminasinhas de metal, sobre as quaes estão escriptos os algarismos 1, 2, 3, etc. Completa-se, finalmente, esta descripção, ajuntando á caixa um pequeno circulo, onde o numero, que se quer calcular, apparece á vista, e ter-se-ha idéa da machina. As suas operações fazem-se do seguinte modo: querendo, por exemplo, multiplicar um numero de tres algarismos por outro tambem de tres, não ha mais do que escrever o numero com as letras, que se acham escriptas nas laminasinhas, collocadas na parte superior da caixa, o que se faz n'um tempo egual ao que se dispenderia em escreve-lo com penna e tinta. Depois fazem-se mover os ponteiros, por meio dos botões, de modo que apontem para os algarismos de um dos numeros que se quer multiplicar; havendo o cuidado de que o quadrante, collocado á direita é o das unidades, o do meio das dezenas, e o da esquerda o das centenas. Apenas se tiver feito com que o ponteiro das centenas marque o algarismo correspondente, o producto exigido apparece no pequeno circulo de que se falla acima, e que é como uma especie de janella.

Esta engenhosa machina ha de figurar na exposição dos productos da industria franceza, em Junho proximo. O relatorio, feito por M. Binet á Academia das Sciencias, de que é socio, dissipa até as menores duvidas que possam existir relativamente á exactidão perfeita d'esta machina.

Esta machina é a de que démos noticia em o n.º 14, artigo 233. Se obtivermos mais esclarecimentos a seu respeito, não deixaremos de os communicar aos nossos leitores. * *

Pomada d'althea com manteiga de cacáu.

Composição por que obteve na França M. Cregut (Jean) em Livry (Seine et Oise) privilegio por 5 annos, que terminaram em 12 de Maio de 1847.

437 Esta massa compõe-se dos seguintes elementos balsamicos e emetuosos:

*

1.° Althea.
2.° Linhaça.
3.° Manteiga de cacáu.
4.° Oleo d'amendoas amargas.
5.° Sabão branco.

A quantidade de cada um d'estes elementos é calculada pela massa que se pertende fabricar.

A propriedade d'esta pomada consiste:

1.° No curativo das frieiras e cieiro.
2.° Em embranquecer e amaciar a pelle.
3.° Em conservar na pelle toda a sua belleza, e tirar toda e qualquer inflammação.
4.° Emfim em dar grande flexibilidade ás articulações.

(Brevets terminés).

A. S.

Analyse de uma liga, conhecida no commercio sob a denominação de metal argentino,

Empregado na fabricação de colheres, garfos, cabos de facas, etc., e imitando perfeitamente a prata. Por M. Chevallier e Lassaigne.

438 Esta liga, mui empregada hoje nas artes, apresenta uma tal maleabilidade, sonorosidade e leveza digna de apreço.

A analyse feita em uma colher nova demonstrou a sua composição, a qual na espessura de 7,230 era formada sobre 100 partes de:

Estanho	85,44
Antimonio	14,50
Chumbo	0,06
Escorias de cobre e ferro	» »
	100,00

A mesma analyse em uma colher velha d'estanho, assim como a fabricavam os antigos picheleiros, apresentou uma espessura egual a 6,799, e a composição seguinte:

Estanho	48,07
Antimonio	3,60
Cobre	0,03
Escorias ou raspas de cobre	» »
	100,00

Fabricação de phosphoros, pelo Dr. R. Boettger, e outros,

O que se vae ler é extrahido do *Technologiste.*

439 As mechas, que se inflammam com estrondo, encerram todas, sem excepção alguma, chlorato de potassa, o que a experiencia tem mostrado ser prejudicial para os fabricantes, em quanto que na incorporação e trituração dos ingredientes, com os quaes se preparam as mechas sem estrepito, não ha que recear a explosão: abstrahindo por um momento de outras vantagens, bastará esta consideração para que os mesmos fabricantes proscrevam o uso do chlorato de potassa na manipulação dos seus productos.

Nas fabricas de Vienna (Allemanha) empregam o esmalte; outros usam abundantemente do peroxido de chumbo e do peroxido de manganez; em algumas a gomma arabica é a substancia que liga as materias; em outras servem-se da colla de marceneiro ou colla forte.

As iscas e papeis inflammaveis, que foram analysados, tinham sido impregnados de salitre, e outros de chromato-acido de potassa, e alguns de acetato de chumbo. — As especies de isca, que consistem n'uma qualidade particular de papel impregnado em salitre, merecem a preferencia sobre os outros, attendendo a que fornecem uma materia carbonacea, que conserva muito tempo o fogo.

A melhor receita d'entre os diversos ingredientes do mixto inflammavel para a fabricação dos phosphoros, iscas, ou papeis, que não produzem estrepito quando se empregam sobre um corpo duro e aspero, é a seguinte:

Gomma arabica	16 partes em peso.
Phosphoro	9 »
Salitre	14 »
Peroxido de manganez em pó fino diluido em agua	16 »

Em vez do peroxido de manganez, póde empregar-se o minium, especialmente se quizermos que o mixto tenha a côr vermelha. Do mesmo modo a gomma arabica substitue-se vantajosamente pela colla de marceneiro, por isso que uma parte d'esta gomma, dissolvida em cem partes d'agua, produz uma espessa solução egual a uma parte de gomma arabica em tres d'agua.

A operação effectua-se pela seguinte fórma:

Em uma capsula de porcelana, ou outro vaso qualquer, deitam-se a gomma e a agua proporcional para, por meio do fogo, se operar a solução mucilaginosa não muito concentrada; ajuntam-se depois o peroxido de manganez, segundo as proporções indicadas; e depois o phosphoro em pequenos pedaços, e em quantidade tal que abrace a materia gommosa.

Logo que seja applicado o calor exterior na temperatura de 60° R., o phosphoro derrete, e mexe-se o mixto continuamente, para que a sua fusão se effectue uniformente em toda a massa; é então que se accrescenta o salitre, continuando sempre a mexer-se, e a conservar a temperatura indicada, até que a massa se torne consistente e perfeitamente homogenea, de modo que com a vista se não descubra por derreter a menor particula de phosphoro.

É n'esta massa que se molham as pontas dos palitos, os quaes teem sido previamente enxofrados, ou o papel preparado, que egualmente tem sido impregnado no salitre, e que se faz seccar em uma corrente de ar pouco quente.

Como o phosphoro se oxida, ainda que lentamente, pela acção do oxigenio do ar atmospherico, e se transforma em acido phosphoroso, attrahindo assim muito a humidade, que obstaria á inflammação das mechas, pareceu conveniente dar, por meio de um

pincel macio, sobre a composição inflammavel e já sêcca, uma leve demão de verniz de gomma copal, ou de simples solução de gomma, á qual se ajunte uma pequena quantidade de salitre. Por este methodo evitar-se-hão os inconvenientes da humidade.

A receita acima indicada foi aperfeiçoada posteriormente por M. Boettger pela seguinte fórma:

Phosphoro	11 partes.
Salitre	10 »
Colla forte	6 »
Minium	5 »

Composição de duas massas resinosas, usadas em París.

Chlorato de potassa	3 killog.
Gomma arabica	2,005
Alcatira	0,001
Phosphoro	2,
Azul de Prussia	0,050

Resina com fricção, sem estrondo.

Chlorato de potassa	0,500
Gomma arabica	2,
Alcatira	0,100
Phosphoro	2,
Agua	2,500
Azul de Prussia	0,040

Na Allemanha fabricam-se uns phosphoros de fricção, sem enxofre, e papel inflammavel sem estrondo, com os seguintes ingredientes:

Gomma arabica	16 partes.
Phosphoro	3 »
Nitrato de prata	14 »
Peroxido de manganez	16 »

Outra receita.

Phosphoro	4 partes.
Nitrato de potassa	17 »
Ocre vermelho ou minium	5 »
Colla de marceneiro	6 »
Esmalte	2 »

Outra formula de excellente massa chimica.

Phosphoro	17 partes.
Nitrato de potassa	38 »
Minium	24 »
Colla	21 »

Outra receita.

Preparação do chimico portuguez, Cardoso Leal Junior.

Colla forte	4 partes.
Nitrato de potassa	8 »
Oxido rubro de chumbo	5 »
Sulphureto de phosphoro	3 »
Palitos stearados, encerados ou enxofrados,	12:100

Esta preparação é a mais economica possivel, pois se faz tão grande numero de palitos pela modica somma de 340 rs., como se vê do seguinte exemplo:

Colla forte	4 oitav.	10 rs.
Nitrato de potassa	8 »	10 »
Oxido rubro de chumbo	5 »	5 »
Sulphureto de phosphoro	3 »	70 »
Stearina	6 onças	120 »
Palitos	5 ar. a 25 rs.	125 »
		340 »

(Concluir-se-ha)

PARTE LITTERARIA.

Sobre a recitação dos versos.

Como promettemos em o numero 16.º, damos hoje aos nossos leitores um fragmento do novo Tractado Elementar de Poesia, com que o Sr. Castilho acaba de brindar a nossa litteratura. O fim principal do Tractado é a parte mechanica da poesia; é tudo quanto a inspiração carece para se revelar nas harmonias do metro e da rima. O que publicamos é apenas uma digressão, ou indispensavel accessorio, hoje da maior importancia, porque se começa a presar a recitação dos versos. Contamos que, para bem das nossas lettras, esta obra se ha de publicar brevemente, pois que não póde deixar de contar com o favor publico.

O segundo fragmento, que havemos de publicar tem por titulo — *Da Poesia.* —

440 Agora que julgo ter disposto, com assaz de desenvolvimento, tudo o que respeita á parte mechanica da composição, convém que desfaçamos um andaimo, que haviamos armado para nos servir n'esta construcção, que durante ella nos foi util, mas que já d'aqui ávante se não poderia soffrer: fallo da cantilena com que o ouvido se habilitou para reconhecer de um modo certo e infallivel a justeza de cada metro.

A recitação dos versos não ha de ser modulada como geralmente a costumam.

Em verdade que é este um abuso difficil de desarreigar, é antigo, e é de todos os povos. Os poetas, que são os que nisso mais perdem, foram provavelmente os seus introductores; dos auctores dos poemas pegou-se aos leitores d'elles; a posse o fez parecer necessidade natural. Era mister nada menos que uma revolução completa nas artes, para lhe demonstrar o absurdo e extirpa-lo: essa revolução fez-se, ou pelo menos está começada. O theatro, que era

o mais contagioso propagador da falsa declamação, do tom artificioso, emphatico, e monotono, o theatro, benzido pela philosophia nova, desendemoninhouse, e fallou, voltou para a natureza simples que tinha renegado, ousou ser verdadeiro, e para logo a poesia, que se arrebicava para lhe comprazer, arremeçou os ouropeis e trajos ridiculos, que a desfiguravam, e appareceu como as deusas do cinzel grego, rica e ornada de sua mesma desnudez. Se tratassemos aqui de alguma coisa mais do que de declamação, poderiamos, e deveriamos talvez, notar excessos d'esta reacção da natureza contra o artificio, porque a desnudez da poesia renascente timbrou tanto em assoalhar o que era obsceno, torpe e repugnante, como mil graças nativas, que d'antes sem rasão, e contra toda a rasão se recatavam; mas nós tratamos hoje unicamente da declamação, e mesmo de uma só e minima parte d'ella; os estudos, que sobre o total d'essa importante arte tenho feito, requerem e hão de ter um livro á parte; digo pois em summa o que já outra vez ponderei, a respeito da recitação dos versos, no prologo á minha traducção das Metamòrphoses, pag. 21 e seguintes, que:

Recitar versos não deve ser medi-los nem cantalos; os tons e inflexões da voz devem-se variar, como até na proza, para fugir da monotonia, alternando-se todas as diversas notas semi-musicas, que houver na escala natural da voz do recitador; o emprego d'estas notas não deve ser ao acaso, mas regular-se pelo discernimento; pois ha verdadeiras correspondencias de sympathia, ou antipathia entre cada uma d'ellas, e a cada uma das idéas: as notas mais graves condizem com os pensamentos mais graves e pausados, as mais agudas com os mais impetuosos, com os mais ardentes; a desanimação e a melancholia querem tons baixos; a alegria, o enthusiasmo tons subidos; é espreitar minuciosamente a natureza, colhe-la e segui-la.

As pausas do recitador não devem ser determinadas pela contagem das syllabas, mas pelos córtes mais ou menos profundos do pensamento ou do affecto, que se expressa.

Os versos pontuados com miudeza, como eu me propuz e pratiquei na traducção das Metamorphoses, poderão n'esta parte ajudar os exercicios do principiante.

Nem o hemistichio necessita de ser com a recitação extremado do hemistichio, nem mesmo cada metro dividido do seguinte, salvo quando no hemistichio ou metro a idéa mesmo vier pedindo uma paragem.

A velocidade da recitação, variando-se calculadamente, contribue sobremodo para commover, persuadir e arrastar o ouvinte.

N'este particular a boa declamação só póde ser filha de um estudo previo e profundo do trecho, que se pertende declamar: para direcção eis-aqui alguns principios geraes:

O que é raciocinio e meditação, requer morosidade; o que é extemporaneo, subito e como que inspirado, exige rapidez; a melancholia é morosa; a jocosidade, o alvoroço, o enthusiasmo, os affectos vivos, a ira, são tanto mais velozes quanto maior é a sua intensidade; a vingança costuma ser tardia nas suas concepções, como que hesita de passo a passo; a benevolencia brota do instincto e corre caudalosa. O que se refere á velhice, á desgraça, ao outono e inverno, á noite e á morte, assume em geral o caracter do recolhimento; pelo contrario o que é da meninice e adolescencia, dos folgares, da primavera e estio, etc., arremessa-se com facilidade. As excursões do espirito pelas regiões d'além mundo são constantemente precedidas da sonda, em quanto pelo tumulto da vida social, e delicias do viver cidadão, a alma se precipita como por terreno conhecido e declive.

Entre os gráus de velocidade, e os da escala de tons, ha secretas harmonias, mas que se reconhecem facilmente; os tons mais baixos sympathisam com as pausas mais dilatadas; os mais agudos com as mais ligeiras.

A força de voz deve ser proporcionada á intenção que acompanha cada idéa. Esta escala é vastissima, pois corre desde o tom confidencial e do segredo, que são caracteristicos da tristeza, da inveja, e de outros affectos, que a si mesmos se aborrecem, até ao brado, ao grito, ao clamor, que parecem espontaneos no alvoroço e nas paixões nobres. Não quero dizer que havemos de seguir aqui á risca a natureza, tomando como expressão d'ella o familiar, digo porém, que atravez das modificações exigidas pelo decoro do declamador e dos ouvintes, essa mesma natureza se deve sempre reconhecer, como por baixo dos panejamentos da estatua, da pintura, ou do vivo, avultam ou se adivinham as fórmas do corpo humano.

É um estudo este mui delicado, mui difficil, e em que os nossos actores ainda, desgraçadamente, não cahiram.

Quanto mais perfeitamente se comprehenderem, e com mais exacção se desempenharem estas regras, tanto menos distará de perfeita a declamação, assim dos versos, como da proza.

A respiração é outro ponto muito digno de estudo: todos os dias ouvimos cantores, aliás excellentes, por não haverem aprendido a tomar o folego a tempo, deitarem a perder as suas arias, desfallecendo-lhes, ou faltando-lhes de todo a voz, onde mais careciam d'ella, e outro tanto se haverá observado em tocadores de instrumentos de sopro.

A recitação, quer de verso, quer de prosa, tem de apresentar, assim como a musica, periodos mais ou menos longos, e em cada um dos quaes póde haver mais ou menos dispendio de espiração; por conseguinte devem regular-se prudentemente os tempos das aspirações, assim como a maior ou menor abundancia d'ellas.

Depois de ponto final é sempre conveniente encher de ar toda a caixa do peito, assim como o é, quasi sempre, depois da interrogação ou da admiração; apoz os dois pontos, e mesmo apoz o ponto e virgula, poderão ainda os pulmões prover-se com bom acerto; na simples virgula será já improprio, e onde nem virgula ha será absolutamente inadmissivel; em summa, haver-se-ha cuidado em que a aspiração coincida, quanto possivel for, com as pausas ou córtes racionaes, de modo que o ouvinte a não perceba, pois não sendo ella declamação, nem parte de decla-

mação, mas só uma condição physica para que a declamação exista, o deixar-se perceber distrahe a quem escuta, e faz recahir da illusão na realidade, e do ideal no positivo, como n'estas caixas de musica mechanica o estridor de certas molas ou rodas mais asperas, ou menos bem accentes, nos veda attender ás melodias e harmonias das sonatas. Tractae de reconhecer a extensão ordinaria do vosso folego, comparando-o repetidas vezes com periodos de diversas extensões; obtido este conhecimento necessario, medi com os olhos, antes de encetardes cada periodo que haveis de ler, o comprimento d'esse mesmo periodo, isto é, certificae-vos se o numero de vocabulos comprehendidos entre ponto e ponto, entre ponto e dois pontos, ponto e admiração, etc., vos cabe sem violencia em uma só aspiração; achando que sim, tomae-o e accommettei-o, aliás registae de ante mão alguma paragem intermedia, como ponto e virgula, em que disfarçadamente aspireis.

Concluindo esta parte do meu tractado, não posso abster-me de fazer uma pequena excursão por um assumpto convisinho, e de muito mais importancia do que á primeira vista poderá parecer. O metal da voz, de que depende innegavelmente uma grande parte do effeito favoravel ou desfavoravel do que se recita, é, sem duvida, um dote natural; é como a formosura ou a fealdade, uma graça ou uma desgraça original. Se bem o observardes, notareis certas vozes, tanto em mulheres, como em homens, de tal maneira sympathicas, que tudo quanto proferem o aformoseam, e vos captivam e persuadem independentemente da rasão, e muita vez a despeito d'ella; que vos fazem amar mais o erro conhecido, do que outras a verdade manifesta: o metal de voz resultado do diametro e comprimento da tracheia, da construcção da larynje, da farynge, da bocca, das fossas nasaes, etc., é inquestionavelmente, como dizemos, um dote natural; entretanto, com estudo bem dirigido e perseverante, tenho que será possivel, se não transforma-lo de feio em formoso, pelo menos modifica-lo grandemente; e que perderiam os mal aquinhoados da natureza em o tentar? o orador grego não domou vicios rebeldes da sua falla á força de teimar? e S. Jeronymo não chegou a limar os dentes para bem pronunciar o hebraico?

Áquelles, que, por lhes parecer nova a proposição, para logo a escarnecessem e regeitassem como utopia, pediria eu, que, antes de rir, se dessem ao trabalho de ponderar alguns factos, cuja existencia não podem negar: e admittidos os quaes, a utopia deixa por ventura de o ser; esses factos ei-los aqui; são communs. Domesticos antigos contrahem involuntariamente, e sem se sentir, não só parte do pensar dos senhores com quem convivem, e muito das suas maneiras, e gestos, senão tambem o que quer que seja da sua voz. Os actores de primeira ordem, dir-se-hia que transformam tantas vezes o seu orgão vocal, quantos são os caracteres, que desempenham.

Ha pessoas em quem a faculdade imitativa da falla chega ao ponto de quasi completa illusão.

As mulheres, cuja vida licenciosa as traz mais familiarisadas com os homens do que com os individuos do seu sexo, e que n'elle só tractam com entes já egualmente desnaturalisados, teem no seu fallar um não sei que de masculino, que se não deve attribuir só á crapula, e ao abuso dos prazeres. Finalmente os proprios instrumentos musicos, que pela sua materia e pela sua construcção, poderam parecer menos sujeitos a influxos taes, como a flauta, o clarinete, a corneta, a trompa, se é verdade o que dizem os seus professores, *aprendem* asperezas e desafinações quando barbaramente tocados; assim como com a boa e constante applicação se apuram, e melhoram.

Vós, a quem a natureza recusou uma das primeiras e mais irresistiveis seducções, a da falla, ponde peito a consegui-la, se sois poetas; ponde-o, se sois oradores, actores, educadores, mestres oraes de qualquer sciencia ou arte: e ponde-o, ainda que não sejaes coisa alguma d'estas: por pouquissimo effeito que vos surtam os vossos esforços, por bem pagos d'elles vos dareis.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Conselho.

441 Tu já viste a borboleta
Voar d'uma a outra rosa,
D'esta presando a fragancia,
E d'aquella a côr mimosa,
E todas abandonando,
P'ra mil outras ir buscando,
Inconstante, e caprichosa?

Té que do brilho attrahida
Da luz, que alfim lhe apparece,
Infeliz quantos a amavam
Por esse fulgor esquece,
E com amoroso encanto
No clarão, que a offusca tanto,
Mesquinha a triste fenece?

Se uma só flor da campina
Apaixonada ella amasse,
Se da luz traidora o brilho
Cautelosa desprezasse,
Inda hoje a vida gosára,
Com as lindas azas voára
Onde o prazer a chamasse!

Pensa bem, formosa amiga,
N'este tão fatal destino;
Da mariposa não sigas
O voluvel desatino,
A leviana vaidade;
Que só ha felicidade
No amar constante e fino.

Se em muitos homens excitas
Cruentas e vivas paixões,
Se em toda a parte te cercam
As suas adorações,
Cuidas tu que d'esses tantos,
Poderão os teus encantos
Prender sempre os corações?

Dás a um, meigo sorriso,
A outro, fagueiro olhar;

Este é hoje desditoso,
Inda hontem feliz, sem par;
Mas n'esta contrariedade,
Debalde a felicidade
Caprichosa has de buscar.

E quando soar a hora
De sentir no coração
A chamma activa, violenta
D'amorosa inclinação,
Talvez como a mariposa
Vás perecer lastimosa
Victima d'essa affeição:

Talvez mesmo que não aches
Quem creia no teu amor;
Talvez que em dobro te paguem
D'esta inconstancia e rigor:
E sem que por teu respeito
Palpite sequer um peito,
Morrerás louca de dor.

Pedroiços — Outubro de 1848.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Cartas de Lisboa para París.

I

442 Querido amigo.—Quando receberes esta carta, já os leitores da minha Revista a terão lido. Talvez aches pelo menos notavel a minha lembrança, e por isso te explicarei o motivo por que tomei a resolução de fazer do meu jornal o copiador de algumas das minhas e tambem das tuas cartas. Depois que toda a imprensa portugueza passa revista a Lisboa do alto dos *folhetins*, bem póde a nossa correspondencia ter as pertenções de uma revista, que pela tua parte abranja París, e pela minha parte refira-se a Lisboa. Hoje é outra a rasão por que eu publico esta carta.

Os Condes do Farrobo começaram os seus agradaveis serões das Larangeiras.

Como simples particular não posso deixar de communicar, pelo menos a um amigo, as recordações apraziveis que deixa na memoria uma noite passada em caza dos Condes do Farrobo; e como redactor de um jornal litterario, não podia deixar de apontar para aquelle exemplo, como uma prova do quanto as artes e as lettras se presam ainda em Portugal. Mas o assumpto é similhante ao da Thalia; e a luz da imprensa não o póde nem deve alumiar como a qualquer outro: n'este caso acresce que não é uma Associação, mas uma só pessoa, que promove e tracta de inaugurar em sua propria caza um culto rigoroso á verdadeira arte. Tu sabes o quanto me custou para escrever ácerca da Thalia, sem faltar a nenhuma das conveniencias e attenções que, em taes pontos, deseio guardar. Desculpa-me, portanto, se a nossa correspondencia não fica por emquanto em segredo, pois que este recurso me pareceu aproveitavel para cumprir os meus desejos, que, n'este caso, são deveres.

Para um homem que vive na capital da civilisação, que, ao acabar de ouvir a tragica e harmoniosa Viardot e o arrebatado Roger, entra no palacio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, e passa parte da noite em um encantador baile, animado e enfeitado pela formosa e instruida Madame Drouin de Lhuys; para um homem que está em París, para lhe fallar de Lisboa só se lhe póde contar alguma coisa do que se passa nas brilhantes reuniões das Larangeiras, emquanto a cidade, sem bailes e sem theatro de canto, se fina de aborrimento, coberta de poeira e torrada pelo sol. Não assisti á primeira e segunda reunião, em que representaram o *Medico Negro*.

Na terceira noite, como na primeira, assistiram á representação SS. MM. a Rainha e ElRei. O bello palacio resplandecia com a brilhante illuminação de gaz, e a nossa mais elegante e formosa sociedade se reunia nas salas e no theatro por meio do affavel e delicado tracto com que os Condes fazem as honras da caza. Ao correr do panno o Sr. Alexandre Castilho recitou grande parte do poema do nosso grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho, intitulado os *Ciumes do Bardo*. Tu sabes o quanto eu preso o auctor; sabes tambem que mais de uma vez repetimos juntos este modelo de vigor de estylo e de apaixonada inspiração: tanto não bastava para me maravilhar aquella riqueza e variedade de colorido, com que o pintor da Primavera soube traçar o mais triste e desesperado quadro da alma. O poema foi bem recitado; e a obra do poeta foi com enthusiasmo saudada pelo mais intelligente auditorio que a podia ouvir. Se o ciume queimava as esperanças de algum d'aquelles corações, que derramaram lagrimas sobre a lyra do bardo, esse, mais do que os outros, comprehenderia a obra do genio.

Em seguida representou-se a comedia em um acto— *Conspiração amorosa* — verdadeira imitação do francez, feita pelo Sr. Alexandre Castilho. Não te admires da qualificação de *verdadeira*, pois que ao presente é usado traduzir peças, mudar os nomes dos personagens, e chamar-lhes, por modestia, imitações, e ás vezes nem as honras de traducções merecem. — O plano d'esta comedia é de extrema simplicidade. A filha de um negociante pertende ser amada só pelos seus bellos olhos, — e olha que o eram — e occultando a sua riqueza juntamente com seu pae, vem a casar com um pintor, que este considera, durante a comedia, como um rapaz mui rico, mas disfarçado em pobre para alcançar o coração de sua filha. No papel da protogonista houve, como estrêa feliz, uma interessante menina, que tem o apellido de Franco da Silva: representou com tal naturalidade e intelligencia, que exigir mais seria impossivel. O papel de pintor foi bem comprehendido pelo Sr. Almada, auctor do Canto do Arabe, que leste na Revista, e de uma comedia, que brevemente vão representar no theatro de D. Maria II. O Sr. Antonio do Canto e Castro caracterisou-se por tal arte, que ninguem adivinhava que elle era um rapaz. É franco e singelo, mas afortunado na maneira como diz o seu papel.— Acabada a comedia, houve um intervallo, que se passou na sala do baile, e ao qual se seguiu a representação do *vaudeville* — *La Rose de Provins*. — Tu sabes qual é o chiste e o fino enredo d'esta composição; mas o que tu nunca saberias, se o não tives-

ses visto, é como seis pessoas podem compor, por assim dizer, duplamente uma comedia pelo facto de a representarem, e mórmente quando estas pessoas não são actores.

Não é opinião minha o que te vou dizer, e tu avaliarás, porque sabes como representam as pessoas de que te hei de fallar. Ouvi dizer a mais de um estrangeiro de distincção, quando o panno se correu: «Melhor não se representa em parte nenhuma.» Qualquer francez tomaria estas pessoas como se fossem suas patricias.

Coube á Ex.ma Sr.a D. Maria da Conceição Sá o papel de *Rose*, e houve no desempenho tanto mimo e recato, que bem lhe cabia o nome: parece-me que alcançou crear um novo typo artistico, ajustando perfeitamente na cabeça de uma *coquette* a alva corôa de uma donzella. Ao seu lado, e em papel difficil, brilhou a Sr.a D. Maria Joaquina Quintella. Que admira que uma intelligencia superior se amolde a copiar com a verdade de um quadro da eschola flamenga os modos e palavras de uma velha creada, se um rosto bello e no frescor da vida, com a graça a innunda-la de um resplendor luminoso, se esconde na mascara que a caracterisa e transforma em uma cara com 60 annos? O Sr. Conde do Farrobo (Joaquim) e Duarte de Sá faziam de impertinentes moscardos (vulgò *janótas*) que a rosa de Provins castigou, cravando-lhes os espinhos por tal arte, que os transformou em dois ridiculos conquistadores de sonhadas deidades. O Conde representa com muito chiste, e soube dar ao papel um caracter, que estava em contraste com o seu collega o Sr. Duarte de Sá. Este foi, como sempre, um actor insigne. Senhor da scena, e dominando o auditorio, não sei que haja actor de profissão, mesmo ahi, que faça mais. Seu irmão Francisco de Sá, o cego que na *Leitora* me commoveu a ponto que nunca essa representação me ha de esquecer, tambem se houve com mestria no papel de capitão, que tanto se parece com o general do Garoto de París.

O Sr. Carlos da Cunha e Menezes, em um papel pequeno, deixou sempre perceber os grandes recursos da sua intelligencia artistica. Ha uma certa franqueza e bondade n'aquella phisionomia, que agrada até quando não falla. Conheço poucos homens assim — e para os quaes olhamos como para amigos ainda antes de pessoalmente os conhecermos: — são sempre intelligencias escolhidas, e eu dou-te este exemplo como prova da minha theoria de sympathias, ácerca da qual mais de uma vez temos questionado; porque não me enganei com o que sempre pensei ácerca d'este cavalheiro.

Ambas as peças foram ensaiadas pelo Sr. Emilio Doux, o que lhe faz honra.

Um baile animado e vistoso terminou este serão, que em quantos o gosaram deixou saudades que não esqueceriam, se não tivessemos a certeza de que a galhardia e o bom gosto dos Condes preparam novas festas para a sua residencia, que sem lisonja, mas com verdade, eu gosto de qualificar como sendo um verdadeiro templo das artes. Por ultimo dir-te-hei que havia alguns trajos elegantes, que os nossos jornaes de modas poderiam bem copiar com vantagem dos seus leitores, em logar dos deslavados modelos com que desenham esse apontoado de sedas e velludos, a que chamam figurinos.

Lisboa, 8 de Maio de 1849.

A um viajante.

443 «N'este logar tão deserto,
«Onde o p'rigo é quasi certo,
«Porque assim vaes a correr?
«Que buscas arrebatado
«N'esse andar alvoroçado,
«Sem nada ouvir, nada ver?

«Não temes os negros vultos,
«Nem os perfidos insultos
«Do cruento malfeitor?
«Não temes lobos sedentos,
«Neutralisando os alentos
«Do teu corsel voador?

«Levas em fogo 'stampadas
«Nas faces annuveadas
«Amargas recordações?
«Ou reflectem-lhes do peito,
«De penar já desafeito,
«Futuras tribulações?

«Levas comtigo a saudade?
«Vaes ao seio da amizade
«Buscar allivios ao mal?
«Apressando assim a vida,
«Pensas, na mente illudida,
«Encurtar prazo fatal?...

Não me attende o desgraçado,
No seu pensar enlevado!
Passou... nem sequer me viu!...
Passou... como passa o vento,
Como não passa o tormento
Ao que a desgraça feriu!

1849.

J. M. de Souza Lobo.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

4 a 8 de maio.

Diario n.º 104.

444 Carta de Lei auctorisando a despeza de quatro contos de reis para a exploração geologica e mineralogica do reino, e compra de um herbario da Flora Portugueza.

Decreto determinando a 2.a serie da Loteria nacional, para a amortisação das notas do Banco de Lisboa. A loteria será de 144 contos de réis.

—

Dito n.º 105.

Estado do Banco de Portugal em 30 de Abril de 1849:

Notas do Banco de Portugal em circulação	319:670$000
Depositos — moeda metalica . . .	325:901$780
Numerario metalico em caixa. . .	696:311$500
Prata além do dito numerario. . .	9:475$200

Carta de Lei auctorisando o Governo a organisar o exercito, fixando os quadros de todas as Repartições do Estado, dependentes do Ministerio da Guerra.

Cholera.

445 Desde que a epidemia invadiu París, foi para esta cidade que se voltaram todas as attenções. Não temos continuadamente seguido o desenvolvimento do mal, porque o nosso jornal não é para isso competente. O que temos feito é costumar os leitores com uma idéa que os não deve nunca tomar de subito. A publicidade de tudo quanto se refere á cholera é talvez uma das poderosas causas da grande diminuição que se observa no terror que a sua marcha costumava infundir nas povoações que tem devastado. As noticias que temos de París, com data de 22, annunciam algum enfraquecimento na epidemia. Ácerca da cholera devemos recommendar a leitura do *Zacuto* ás pessoas que desejarem amplas informações sobre a materia. A redacção d'este jornal tem prestado um honroso serviço á medicina portugueza, pelo modo com que se tem havido n'este ponto.

Testamento original.

446 O Sr. Maximo Soares dos Reis, Capitão-Mór de Cintra, a quem o povo não tirou nunca as honras do cargo, acaba de deixar, por sua morte, uma prova de que não perdeu os largos annos que Deus lhe deu de vida, e que soube, pelo menos estudar o meio de evitar demandas. Inventariou todos os seus haveres no testamento, avaliou-os com a regularidade que poude, e depois de os dividir pelos seus dois herdeiros, determinou que se um d'elles não estivesse pela avaliação, tirava a sua terça do monte, e a deixava ao que não reclamasse contra a sua ultima vontade.

Sociedade Promotora da Industria Nacional.

447 Com satisfação nos constou que esta benemerita Associação, á qual a nação deve as unicas exposições industriaes que temos tido, tracta de voltar á vida activa de que já gozou. — Sabemos com prazer que se tem desenvolvido muito zelo e enthusiasmo a favor d'esta instituição, que por varios modos póde ser de maxima utilidade. É esta uma boa nova, que os nossos leitores por certo estimarão.

Thema curioso.

Ao cuidado das pessoas doutas e curiosas confiamos a seguinte communicação, que nos foi dirigida, e que deve ser averiguada.

448 Na gazeta intitulada *Correio de Londres*, nos mezes de Março e de Julho, ou talvez de Maio de 1805, ha duas Memorias (não estou certo em que dias), as quaes tratam, e evidentemente provam que não fôra Christovão Colombo o descobridor da America, e sim um flamengo ao serviço de Portugal, em tempo do rei D. João II. Dizem as Memorias que o tal flamengo, em premio da descoberta, fôra armado cavalleiro por mão do mesmo rei, que então estava em Almeirim, e contam miudamente a circumstancia, dizendo que Colombo houvera indirectamente a derrota e a Carta tirada pelo flamengo (cujos originaes se conservam na Bibliotheca de Berlim) depois da morte d'este. Estas Memorias não são suspeitosas, porque são escriptas por inglezes, que nunca concedem a Portugal senão o que lhe não podem deixar de conceder.

Salteadores no Alemtejo.

449 Sempre desejosos de aproveitar as noticias que nos communicam, e com as quaes muito nos obsequeiam, chamaremos hoje a attenção das pessoas competentes sobre as noticias que recebemos d'Evora. Entre Aldêa Gallega e Pégões, estrada de Evora, teem varios viandantes sido accommettidos e roubados por uma companhia de salteadores, que parece constar de cinco ou seis. O nosso correspondente lembra a vantagem de que o destacamento, que de Evora vem todos os mezes para Aldêa Gallega, se não conserve ahi estacionario, mas que em parte gire pela estrada para a policiar. Nós apoiâmos o alvitre, e confiâmos em que será adoptado.

Desordem na Cadêa.

450 Tem havido no Limoeiro grandes conflictos entre carcereiro e juizes; e, além d'isso, a partida dos ultimos degradados foi solemnisada com uma desordem, na qual ia sendo morto o juiz de uma das prisões, em que estavam, e o qual ainda foi ferido com algumas facadas.

A este respeito param em nosso poder varios esclarecimentos; não deixaremos de os aproveitar, apesar de que identicos e de maior monta empregámos no — *Preso* — sem que d'ahi resultasse o bem, que se podia esperar da revelação de taes abusos. Até quando dormirá a reforma radical, que, por tantas vezes temos reclamado para um objecto, que, por tantos pontos se liga ao melhoramento social!?

COMMERCIO.

451

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 31 DE MARÇO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	6:777	400 a 600
Milho	1:081	300 a 340
Cevada	1:633	200 a 240

Cereaes em 9 de Maio.

Trigo do reino rijo	de	360	a	440	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	480	»	»
» da ilha	de	360	a	420	»	»
Milho do reino	de	260	a	265	»	»
» da ilha	de	210	a	225	»	»
Cevada do reino	de	180	a	200	»	»
» da ilha	de	180			»	»
Centeio do reino	de	230	a	240	»	»

— Na praça de Londres, foram, em 26 de Abril, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		192	193½	Por 100.
Consolidados	3 p. %	92⅞	92	»
Redusidos	3 »	90⅝	90⅝	»
Fundos	3¼ »	90⅝	90⅝	»
Exchequer bills de Março		45	48	Premio.
» de Junho		45	48	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	—	—	Por 100.
Brasileiros	5 »	78	81	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	17	17½	»
Ditos	3 »	32	32½	»
Hollandezes	5 »	77½	78	»
Ditos	2½ »	50¼	50¾	»
Mexicanos	5 »	31⅜	31⅝	»
Portuguezes	4 »	28	29	»
Ditos consolid. 1841	—	27	28	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	104½	105½	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		53	53½	Por 1$000 rs.
Porto		53¼	53⅜	»
Rio de Janeiro		24½	25	»
Bahia		—	—	—
Paris	25	40	45	»

Praça de Lisboa, 9 de Maio. — Fundos publicos de 5 por cento, 48 a 49. Acções do Banco 450$ a 455$. Acções do Fundo de Amortisação 35 a 37 por cento.

— Agio das Notas do Banco de Lisboa desde 26 de Abril até 9 de Maio.

		Por moeda Compra	Venda
Abril	26	1$900	1$880
	27	1$890	1$870
	28	»	»
	29	»	»
	30	1$900	1$880
Maio	1	»	»
	2	2$000	1$920
	3	1$980	»
	4	1$900	1$880
	5	»	»
	6	»	»
	7	»	»
	8	1$920	1$900
	9	»	»

— *Estado do mercado em 9 de Maio de 1849.*

Assucar. — Está mais frouxo, estando as vendas limitadas ao consumo. — Os preços tem regulado a 1$450 e 1$550 rs. o branco, e 1$050 e 1$150 o mascavado de Pernambuco.

Caffé. — Ha escacez das boas qualidades.

Marfim. — Os possuidores estão firmes, em consequencia da importante exportação que houve ultimamente aos preços de 950 o superior — 800 a 850 o meão — e 550 o escravelho.

Urzella — paralysada.

Correspondencias.

452 *Porto, 3 de Maio.* — O commercio dos vinhos continua paralisado, e vão morrendo as esperanças que tinhamos em algumas providencias que melhorassem o mal. Ao lado da questão do Douro ficará arrumada e bem sepultada a questão do papel-moeda, a qual é nada menos do que a ruina de tantos estabelecimentos de charidade, que honrariam o nosso nome se fossem conhecidos. Não durma sobre estas coisas, Sr. Redactor, e aproveite para este fim o credito do seu jornal. O preço dos cereaes é regular: o trigo está a 720 por alqueire, o milho a 320, o centeio a 340, e a cevada a 280. Agio das notas 38 a 39.

Paris, 23 d'Abril. — As conquistas de Napoleão augmentaram o cemiterio da França, e diminuiram o valor dos papeis de credito. Este facto provinha do axioma de que a espada é uma molla que faz sempre descer as cotações. O que estou presenciando o prova cabalmente. A intervenção da França na Italia foi saudada na praça com uma diminuta alta, mas assim que se pensou que podia ser causa de guerra, a baixa não tardou apesar de fraca; e a esta causa attribuo a variação constante que hontem e hoje tiveram os 5 por cento entre 89 e 90. Mal que as vendas crescem logo o maximo desapparece. O

mesmo acontece com os 3 por 100, que variam de 56 a 60. Poucas transacções se fazem sobre Acções do Banco e das Companhias dos Caminhos de Ferro.

Signaes na barra do Porto.

453 Desejando a Associação Commercial do Porto proporcionar meios aos navios, que se aproximam da barra do Doiro, de evitarem os perigos que a costa, ás vezes, offerece em tempo borrascoso, ella tem conservado com grande sacrificio o telegrapho, estabelecido junto ao pharol revolvente da Senhora da luz, no qual se faz uso do codigo de signaes do capitão Marriat, offerecendo a grande vantagem ás embarcações, quando o mar empeça a communicação pela barra, ou da costa, de se poder praticar com ellas, quer em inglez, quer em portuguez, por isso que a mesma Associação mandou, á sua custa, traduzir o referido codigo de fórma que elle aproveite ao nacional e ao inglez, podendo cada um expressar-se em sua lingua, e entenderem-se mutuamente, com tanto que possuam a indispensavel serie de bandeiras, e qualquer dos codigos pertencentes ao idioma em que deseja fallar.

No castello da Foz se fazem, além d'isso, varios signaes para chamar as embarcações á barra, ou para as fazer entrar; porém acontece em algumas occasiões de calmaria, ou de vento de travessia, que do alto mar não se podem distinguir as bandeiras. Para remover a anciedade, que então devem sentir os navegantes, a Associação Commercial resolveu adoptar outros signaes por meio de *balões pretos* içados no mastro do seu telegrapho particular, que se tornam mais visiveis, e se podem avistar em muito mais distancia, já pela elevação do sitio do pharol, já pelo objecto ser mais conspicuo. E para que d'elles se colha o mais prompto resultado, dá-se-lhe toda a publicidade.

Signaes adoptados.

Um balão no topo do mastro, e um em cada lais da verga, quer dizer: Venha para a barra. — Um balão em cada lais da verga, quer dizer: Póde ser pilotado aproximando-se. — Um balão no topo do mastro, e outro em um lais da verga, quer dizer: Não póde ser pilotado. — Um balão no topo do mastro, quer dizer: A costa está perigosa; faça-se ao largo.

Porto, 22 de Abril de 1849.

Pela Commissão encarregada do telegrapho

E. Moser.

BIBLIOGRAPHIA.

454 *Rembrandt.* — Sa vie et ses œuvres. — 20 gravures. — Volume in-folio, 50 fr.

—

Scènes de la Vie Orientale. — Les Femmes du Caire, par Gérard de Nerval. — 1 vol. in-8. 7 fr. 50 c.

—

Gaspard de la Nuit, fantaisies à la manière de Rembrandt et de Callot, par Aloysius Bertrand. — 1 vol. in-8. 5 fr.

—

Romans, Contes et Voyages, par Arsène Houssaye. 2 beaux vol., format anglais à 3 fr. 50 c. — Renfermant le Voyage à Paris; le Voyage en Hollande; la Vertu de Rosine; le Joueur de Violon; Marie de Joysel; un Roman sur les bords du Lignon; Rachel et Lucy; l'Arbre de Science; le Ciel et la Terre; le Peintre d'enseignes, etc.

—

Compendio de Historia Universal, por José da Motta Pessoa de Amorim. — Publicou-se o 1.° tomo, e vende-se por 300 réis nas principaes lojas de livros. Assigna-se, a 20 rs. a folha, na rua Augusta n.os 1 e 8.

—

Cholera-Morbus. — Publicou-se o interessantissimo artigo — Cholera-Morbus — da Cyclopedia Britannica, traduzido do inglez por João Felix Pereira, alumno do 4.° anno da eschola medico-cirurgica de Lisboa. Vende-se unicamente na loja de J. P. Martins Lavado, Rua Augusta n.° 8. — Preço 240 rs.

—

Histoire de la Peinture Flamande et Hollandaise, par Arsène Houssaye. — 1 vol. in-folio, 100 magnifiques grav. sur cuivre, d'après Rubens, Van Dick, Rembrandt, Teniers, Ruysdael, 300 fr. — Édition en 2 vol. in-8, 10 fr. — Édition allemande, renfermant 50 planches, 150 fr.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

— Em o numero seguinte começaremos a publicar a traducção do acreditado e importante Tractado das molestias das arvores fructiferas, e dos meios de as prevenir e de as curar; obra escripta em allemão por Fernando Rubens, professor e director da Sociedade de Economia Rural da Prussia Rhenana.

— Agradecemos a remessa, que nos fez o Sr. Moura Coutinho do seu folheto ácerca da questão do Doiro.

— Rogamos ao nosso collega dos *Pobres do Porto*, que ao menos cite a Revista quando lhe tirar artigos, para não repetir o que acaba de acontecer com a reproducção do *Guerrilheiro* do Sr. Palmeirim.

Esta nossa lembrança não auctorisa a copia, e já dissemos o por que, mas é só um reparo.